Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3 Cadernos PDE

VOLUMB I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos



O RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL

Jayme Leonardo Dubiela¹

Sandro Marlus Wambier²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo abordar a importância da cultura africana na formação da identidade cultural brasileira, através de alguns exemplos, enfatizando as características gerais da Capoeira e da Culinária Africana presente na alimentação brasileira. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, possibilitando entender qual o nível de conhecimento e conscientizar os alunos à respeito da cultura afro. A intervenção pedagógica foi aplicada a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Juventude de Santo Antônio, Balsa Nova-PR. Foram realizados narrativas históricas, discussões, cartazes, exposições à respeito do tema. O resultado desta intervenção foi positivo, já que os alunos puderam perceber quais elementos presentes no seu dia a dia são advindos da cultura africana e se tornaram conscientes da luta dos mesmos no passado.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Africana; Capoeira; Culinária Afro.

1. INTRODUÇÃO

Os africanos, na sua maioria, ao serem forçados a vir para o Brasil, trouxeram consigo sua própria "África", um patrimônio cultural material e imaterial inscrito nos objetos, hábitos, textos orais e escritos, rituais e muitas outras, saberes que dizem respeito a diversas áreas.

Mediante pesquisa prévia a respeito do conhecimento dos alunos do ensino fundamental do Colégio Estadual Juventude de Santo Antônio, no período da manhã, sobre a presença da cultura africana no Brasil, constatou-se

que os mesmos relacionavam o africano mais com a questão da escravidão do que com a participação na cultura propriamente dita.

A partir desta resposta, nota-se que é necessário destacar que a população africana deve ser vista além da condição de mão-de-obra compulsória e ressaltar toda a resistência desenvolvida ao longo do processo de escravidão. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é pesquisar, identificar e compreender a presença da cultura africana no cotidiano do brasileiro, além de buscar descontruir qualquer ideia de preconceitos e racismos, como mencionam as DCN's (Diretrizes Nacionais da Educação Básica):

Convivem no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra, e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. (DCN's, p. 500, 2013)

Sendo assim, mediante a busca e a pesquisa da cultura africana no Brasil, espera-se que os alunos possam valorizar e reconhecer a importância da mesma na sociedade, notando como ela está presente no dia-a-dia, independente da região a ser estudada.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Os africanos ao serem trazidos para o Brasil, muitas vezes de forma forçada, traziam consigo seus costumes e sua cultura. Patrimônio este, formado por objetos, hábitos, textos orais e escritos, rituais, jogos e muitas histórias, lembranças e saberes que dizem respeito à religião, à tecnologia e ao trabalho. Atualmente, essa cultura pode ser reconhecida dentro dos hábitos brasileiros.

Segundo o historiador e pesquisador Henrique Cunha Júnior (1997 p.67) "A ausência da História Africana é uma das lacunas de grande importância nos sistemas educacionais brasileiros". Este é o momento em que surge nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos temas transversais, a introdução da pluralidade etno-cultural, sendo uma possibilidade de inclusão

das diversas solicitações dos Movimentos Negros, que se acentuaram em 1973, para a valorização da História Africana e a história do negro no ensino.

Mediante muitas discussões e adequações, vitórias e derrotas no meio educacional, eis que surge a lei nº 10. 639/03, ou seja, a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira.

Cumprir a lei 10.639/03 significa compreender que adiar o pagamento da dívida educacional para com a população negra e postergar a possibilidade da construção de uma nação efetivamente democrática. Ainda há muito o que ser feito, principalmente por parte dos gestores públicos responsáveis pela educação oferecida em todos os níveis de ensino. Isso, porém, só concretizado a partir de uma consciência do significado da Lei 10.639/03. (PASSOS, 2013)

Então, a ideia agora é valorizar e perceber que a história dos africanos no Brasil não deve ter relações somente com a escravidão, mas, além disso, lembrar sempre de como ocorreu este processo, toda a resistência que existiu e existe, e que todos são produtores de cultura, a qual é muito relevante na construção da cultura brasileira.

Hoje existe no Plano Estadual de Educação a Lei nº 18.492 que deve:

Assegurar que a educação das relações étnico-raciais, a educação que efetive o respeito entre homens e mulheres, o ensino de História e cultura afro-brasileira, indígena, e dos ciganos, os planos nacional e estadual de cidadania, direitos humanos, e o plano estadual de política para mulheres sejam continuados nos currículos, nos projetos políticos-pedagógicos, nos planos de ações da educação básica, como fortalecimento de estruturas institucionais de acompanhamento, respeitando as especificidades da faixa etária. (PARANÁ, 2015)

Sendo assim, deve-se ter em mente que não basta desenvolver uma atividade qualquer no dia 20 de novembro (considerado o dia da Consciência Negra), que também é importante, mas que não contempla as leis estabelecidas, pois a proposta é que o assunto em questão se integre ao currículo propriamente dito, ao currículo culto da escola e nas próprias relações interpessoais para que todos tenham consciência do tratamento. Segundo Pereira (2016) "a cultura tem que ser tratada como uma questão educacional, como uma questão de organização social. A cultura, neste momento, é extremamente importante, e ela tem que perpassar todo o processo educacional."

A cultura de um povo tão importante e extremamente relacionada à História brasileira, não deve e não pode ser simplesmente "comemorado" em um dia. Aqui não está sendo discutida a importância da data 20 de novembro, mas a desmitificação de um povo que lutou mais de 300 anos contra a escravidão e que luta hoje para uma valorização pessoal e cultural, merece toda a atenção no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, nota-se a necessidade de reconhecer a Cultura Afro no Brasil, como destacam Mello e Souza:

A "cultura africana" está presente em vários segmentos de nossa sociedade e, pela falta de uma abordagem mais realista, muitas pessoas desconhecem estes fatores. Esta cultura está inserida na linguagem, comidas, músicas, religiões, entre outros. Reconhecer a "cultura afro" como elemento importante de nossa cultura e sociedade é reconhecer a nossa própria história, uma vez que se encontram interligados com a construção do Brasil. (MELLO e SOUZA, 2008, p.132)

Perceber que a História africana no Brasil, foi e é rica em cultura, que está presente em inúmeras áreas, as quais, algumas, serão destacadas neste trabalho.

A cultura africana chega ao Brasil com os povos escravizados da África, durante o período do tráfico de escravos (negreiro). A grande diversidade cultural advinda com os escravos foi trazida de inúmeros locais e de diferentes grupos como os Bantos, Magôs e Jejes, cada qual com sua tradição. (RATTS; DAMASCENO, 2008)

No Brasil, a cultura africana sofreu muitas influências europeias, principalmente portuguesa e indígena, onde havia uma grande mistura dos seus costumes. Pode-se perceber traços fortes da cultura africana em diferentes áreas e estados brasileiros, tais como, na música, religião e culinária.

Nota-se que a valorização da cultura europeia sempre foi mais forte na história brasileira, principalmente até o início do século XX, onde as expressões culturais afro-brasileiras começam, aos poucos, a serem aceitas, e por algumas classes, até mesmo admiradas e praticadas.

Foi com a Ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, que as primeiras políticas de incentivo ao nacionalismo aconteceram, dentre estes, o incentivo à

cultura afro-brasileira, que ganhou força com a aprovação da União Geral das Escolas de Samba do Brasil, em 1934. Outra grande conquista, foi quando Mestre Bimba, em 1953, apresentou a capoeira à Vargas. Vista até então como uma prática de desocupados e marginais, foi chamada pelo presidente em questão de "único esporte verdadeiramente nacional" (FAECPR, 2016).

A partir de então, até mesmo as perseguições às religiões afrobrasileiras diminuíram, e a própria Umbanda, passou a ser seguida por parte da classe média carioca, criando força na elite intelectual branca da época. Segundo o IBGE, 0,3% dos brasileiros declaram seguir religiões africanas, embora o número de pessoas que as praticam, de forma reservada, seja muito maior.

Seguindo a Nigéria, o Brasil é a segunda maior nação negra do mundo, e tem cerca de 50% de afrodescendentes na sua população. De acordo com Cunha Júnior: "(...) não é possível conhecer a História do Brasil sem o conhecimento da História dos povos que deram início à nação brasileira. A exclusão da História Africana é uma, dentre as várias demonstrações do racismo brasileiro." (CUNHA, 1997, p. 67)

Sendo assim, é importante nas escolas, berço do conhecimento, estudar a cultura afro e ir além de somente adquirir conhecimento sobre suas lutas contra o racismo e o preconceito, o qual ainda está enraizado em uma sociedade, onde 50% são descendentes desta cultura.

As manifestações, rituais e costumes africanos estão muito presentes na história brasileira, mas somente no século XX é que começaram a ser aceitos, entendidos e respeitados.

Com certeza, a influência maior da música africana está no samba, que é uma manifestação que se transformou em um "cartão postal" brasileiro. Dentre estas estão: o Carnaval, o Maracatu, Congada, Cavalhada e Moçambique, a Capoeira, ritmos que se espalharam por todo o território (RATTS; DAMASCENO, 2008).

A Capoeira, só foi validade em 1953, quando considerada por Getúlio Vargas o "único esporte verdadeiramente nacional", ganhando assim também o território internacional, pois é praticada em diversos países. Tal expressão cultural teve sua história começada no Brasil Colônia, principalmente na região do Nordeste, nos engenhos de produção de açúcar, onde no processo de

escravidão, os africanos foram forçados a trabalhar. Neste momento, os mesmos perceberam a necessidade de desenvolverem formas de proteção contra a situação em que viviam, sobretudo os castigos, os sofrimentos e as torturas. Como qualquer tipo de "luta" era proibida aos escravos africanos, estes a "disfarçavam" em forma de dança, para treinarem, o que mais tarde foi chamado de Capoeira. A "luta" ou "dança" ganhou este nome, pois o lugar onde era praticado tinha como característica um campo aberto com pequenos arbustos, que era chamado, na época, de capoeira ou capoeirão.

Existem três tipos de Capoeira que modificam seus ritmos e golpes. O mais antigo criado no Brasil, no período da escravidão, é a Capoeira Angola, onde o ritmo musical é mais lento e seus golpes são mais baixos. Neste estilo, vale muito a "malícia" do jogo na roda de capoeira. Outro é o estilo Regional, que mistura a malícia da Angola com movimentos mais rápidos, porém sem acrobacias muito sofisticadas. Por último, o que é chamado por alguns, de Capoeira Contemporânea, que mistura os dois estilos e é praticada atualmente. (FAECPR, 2016).

De tão praticada, a Capoeira foi declarada como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), em 26/11/2014, pois a mesma se destacou na resistência e na luta dos negros africanos contra a escravidão, surgindo aí, uma data comemorativa do Dia do Capoeirista, o qual é comemorado em 03 de agosto.

Pode-se dizer que, atualmente, a Capoeira se tornou não apenas uma arte ou um aspecto cultural, mas uma verdadeira exportadora da cultura brasileira para muitas partes do planeta. Muitos mestres brasileiros estão desenvolvendo esta "arte" em vários países, podendo ser vista como uma manifestação da cultura propriamente dita, ou um esporte, ou um espetáculo com as suas acrobacias.

A Capoeira é rica, principalmente no seu vocabulário, nas suas vestimentas, nos instrumentos realizados e nas suas canções, que a tornam uma prática exclusiva, mediante tantas outras. O ritmo muda conforme o estilo utilizado, até mesmo de acordo com as regiões onde é praticada e o toque das músicas também, como, por exemplo, o Toque de Angola e o São Bento

Pequeno, onde nota-se, principalmente, o berimbau e os batuques, instrumentos indispensáveis em uma roda de Capoeira.

De acordo com Barbosa (2005, p. 78):

A capoeira é um ritual de luta, dança e jogo que funciona como um sistema recreativo, estético e profissional. Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o indivíduo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual. (BARBOSA, 2005, p. 78)

Com isso, acredita-se que conhecendo um pouco mais sobre esta Arte Africana enraizada no Brasil, os alunos poderão valorizar mais a cultura africana e perceber que o respeito destrói qualquer início de preconceito, seja para qual raça e etnia for.

A comida africana reflete as tradições nativas da África, o continente africano é a segunda maior massa de terra do planeta e é berço de milhares de tribos, etnias e grupos sociais, o que acaba refletindo na culinária e nos produtos e alimentos que vieram para o Brasil, como cita Cascudo:

O africano introduziu na cozinha o leite de coco, o azeite de dendê, a excelência da pimenta malagueta, o feijão preto, o quiabo, ensinando a produção de vatapá, mungunzá, acarajé, angu e pamonha. (CASCUDO, 1983)

Por volta do século XVI, a alimentação africana foi incorporada no Brasil, vinda com os escravos, incluindo, principalmente: arroz, feijão, sorgo (espécie de milho), milho e cuscuz, a carne era da própria caça e uma parte importantíssima foi a vinda dos temperos.

Para Freyre (2001) "o escravo africano enriqueceu a cozinha colonial em função da variedade de novos saberes". Para este autor, no regime alimentar brasileiro, a contribuição africana afirmou-se, especialmente, pela introdução do azeite-de-dendê e da pimenta malagueta (característicos da cozinha baiana), pelo consumo do quiabo, maior uso da banana e das variedades de preparar galinha e peixe.

A alimentação dos escravos variava de acordo com a região para a qual foram levados, podendo, às vezes, ser quase escassa. A própria região influenciou no cultivo de algumas plantas e temperos, como o próprio coqueiro,

que se identificou bem com o nordeste e a palmeira do dendê, cultivada ao redor da cidade de Salvador, a manga, a jaca, a cana-de-açúcar, que foi muito disseminada com a vinda dos escravos, a mandioca, o milho, a batata e o amendoim. Mas a banana foi a maior herança africana, desde o século XVI, e tornou-se inseparável e indispensável nas plantações brasileiras, sendo a maior atribuição para a alimentação brasileira, tanto em quantidade, distribuição e consumo (FREYRE, 2001).

Muitos também foram os vegetais, como o quiabo, inhame, erva-doce, gengibre, açafrão, gergelim, melancia e outros.

A pimenta malagueta, trazida pelos africanos, cujo nome localizava a origem, Malagueta, tornou-se indispensável na culinária brasileira; já na carne, a principal contribuição foi a galinha-d'angola.

Por isso, cita-se de maneira geral a relação da alimentação, pois em cada região e à medida que o tempo passava, as comidas foram se modificando. O que se sabe, com certeza, do período da escravidão, é que: com tudo que lhes era dado era inventado algum tipo de comida. Um exemplo é a feijoada (muito se discute sobre a origem da feijoada, o que se a torna brasileira é o uso do feijão preto), que era feita com os "restos" do porco, o pirão com farinha de mandioca, entre outros.

O importante nesta produção é demonstrar aos alunos que o Brasil tem a sua formação dependente dos europeus, dos índios e mais forte ainda dos africanos, os quais vieram para esse país de maneira cruel e sangrenta.

Não se pode deixar de estudar e refletir à cerca da cultura africana, grande parte das coisas que fazem parte do dia-a-dia são advindos dessa cultura, mas muitas vezes não se tem conhecimento disso. Conhecimento este, que depois de ser adquirido, combate racismos e preconceitos. Segundo Silva (2005, p. 21) é preciso "conhecer para entender, respeitar para integrar aceitando as contribuições culturais, oriundas de vários matizes culturais presentes na sociedade brasileira".

Destaca-se que, mediante prévia pesquisa com os alunos (com os quais serão aplicados este projeto), percebe-se a carência destes conteúdos, tanto pelo interesse dos mesmos, como pela falta um conhecimento um pouco mais aprofundado.

Sendo assim, utiliza-se a afirmação de Pelegrini e Furrari (2008, p. 81) de que: "[...] a partir da organização de inventários alimentares, torna-se possível evocar o conhecimento de tradições referentes aos modos de fazer e de consumir determinados alimentos". Pretende-se que os alunos reconheçam que a presença africana, está em todas as casas e faz parte da história brasileira.

3. RESULTADOS OBTIDOS: aplicação do projeto de intervenção pedagógica na escola.

O Projeto de Intervenção Pedagógica foi aplicado no Colégio Estadual Juventude de Santo Antônio, no minicípio de Balsa Nova, região metropolitana de Curitiba.

A princípio este projeto seria realizado com o 7º ano do Ensino Fundamental, mas, depois de uma análise feita com outras turmas, pode-se perceber que as turmas de 8º ano poderiam ter uma aplicação melhor, já que estas tinham 3 aulas semanais de História, outro fato relevante foi o interesse dos alunos.

Sendo assim, com a turma escolhida, foi feito um questionário com os alunos, onde haviam questões pertinentes a Escravidão no Brasil, a vinda dos africanos para cá e à respeito da cultura desenvolvida no território brasileiro. A atividade teve início em sala de aula e depois encaminhada para casa, possibilitando assim, aproximar e relacionar a família com as atividades que seriam desenvolvidas ao longo do projeto. O objetivo destas questões era perceber o conhecimento prévio dos alunos à respeito dos temas já descritos.

Através deste questionário, foi possível notar que o conhecimento que os alunos possuíam à respeito da escravidão no Brasil, e o tratamento que os africanos recebiam, desde a vinda até o trabalho nos engenhos, era satisfatório. Porém, com relação às contribuições culturais, relataram somente duas coisas: a capoeira e a feijoada.

Depois, com todas as respostas lidas e discutidas em sala, foi feita uma explicação de como seria o projeto desenvolvido, e quais seriam as atividades aplicadas a fim de alcançar os objetivos do tema do projeto: "O reconhecimento e a valorização da Cultura Africana no Brasil". A lei 10639/03 foi abordada com as turmas, demonstrando que a obrigatoriedade do estudo da cultura afro existe, e que não deve ser limitada apenas ao dia da Consciência Negra.

Para que os alunos pudessem compreender melhor a questão da vinda dos africanos para o Brasil, foram utilizados trechos do filme AMISTAD (que demonstra como era o "transporte" dos mesmos) para, logo após, realizar uma análise geral sobre as questões envolvidas, afim de estimular uma discussão em sala sobre o "tratamento" que os africanos tiveram para vir ao Brasil, para aqui morar e como são tratados nos dias de hoje.

Depois dessa discussão, os alunos desenvolveriam uma Narrativa Histórica, à respeito das problemáticas discutidas, e uma ilustração sobre suas produções. Toda a atividade foi realizada em sala de aula, após o término, alguns alunos propuseram-se a ler suas narrativas e explicar as suas ilustrações.

Com essa atividade, pode-se perceber que os alunos, quase como um todo, começacaram a notar o que seria ter uma consciência histórica, e como é importante a relação do passado com o presente, ou seja, neste caso, relacionar preconceitos e discriminações que os africanos recebem atualmente, por sua história ligada á escravidão. Sendo assim, foi destacado toda a luta do povo africano contra esse processo, e também, a luta diária contra o racismo que os mesmos sofrem, tanto na mídia como na sociedade.

Para complementar os temas discutidos, a próxima atividade, consistiu em uma divisão da turma em equipes, onde, através de um sorteio, cada uma delas ficou responsável por temas relacionados à cultura afro, que foram: Religião, Arte, Música, Culinária, Literatura e Danças Típicas. A ideia seria o incentivo à pesquisa, e demonstrar a importância de buscar as fontes históricas, que são a base do ensino de História. Depois das pesquisas realizadas, as quais começaram na escola (sala de informática e biblioteca) e terminaram em casa, cada equipe elaborou um cartaz para auxiliá-los na

apresentação. Cada aluno pode falar um pouco do seu tema (alguns apenas com leituras), e ao final foi feito um círculo para discutir os pontos positivos e negativos das apresentações e de todo trabalho realizado. Pode-se notar que o objetivo foi alcançado e que a maioria dos alunos pode ter uma primeira noção de que a cultura afro está presente no dia a dia.

Na segunda etapa do projeto, o assunto tornou-se mais específico, sendo ao redor do tema: A capoeira, suas características e sua importância no Brasil hoje. Em um primeiro momento, foi desenvolvido uma discussão em sala, para perceber qual era o conhecimento prévio dos alunos à respeito do assunto. Na comunidade onde a escola está inserida, existem aulas de Capoeira gratuitas, proporcionadas por um projeto com a Prefeitura da Cidade, onde alguns alunos já praticavam a mesma. Então, para complementar o conhecimento da turma, foi aplicado um questionário, para que o tema em questão fosse pesquisado, o mesmo foi iniciado em casa e terminado em casa. Para complementar os conhecimentos apresentados em discussão, foi utilizado o filme: "BESOURO", para demonstrar a prática da capoeira e o preconceito com os africanos, mesmo com a abolição da escravatura.

Foi proposta uma atividade, que seria a produção de uma narrativa histórica sobre o tema: "Como a Capoeira e os esportes, no geral, podem contribuir para combater preconceitos e discriminações que existem na sociedade brasileira atualmente", e posterior ilustração dos trabalhos. A maioria dos alunos se propôs a ler os textos que tinham produzido, e abordaram não somente a Capoeira, mas, sua indignação com a questão do racismo e do preconceito. Muitos ainda destacaram que isso não acontece somente no Brasil e citaram outros esportes, principalmente o futebol, onde já tinham vivenciado preconceitos contra jogadores negros.

O que enriqueceu ainda mais esta parte do projeto foi ter conseguido envolver outras disciplinas nos trabalhos, como em Artes, onde pode-se realizar a produção de alguns instrumentos utilizados na capoeira, como pandeiros, atabaques, agogô, berimbau e o caxixi, com a intenção de uma futura apresentação dos alunos. Como já foi citado acima, na comunidade existe um grupo de Capoeira, com a ajuda deste projeto, alguns capoeiristas

compareceram na Escola e junto à aula de Educação Física, os alunos praticaram alguns golpes da Capoeira e também aprender algumas músicas e ritmos, utilizando os instrumentos produzidos. O resultado foi um sucesso, pois a teoria caminhou junto com a prática, e essa parte do trabalho atingiu todas as expectativas, aumentando o número de alunos praticantes de capoeira, e possibilitou a realização de uma apresentação para todos os alunos do turno da manhã, demonstrando assim, que a História e o esporte podem contribuir no combate ao racismo e preconceitos.

Na última unidade do projeto a intenção era perceber a presença da culinária africana na alimentação brasileira, e no próprio "cardápio" dos alunos em suas casas, com temperos e alimentos advindos da África e trazidos pelos próprios africanos no período da escravidão e após também.

As atividades se iniciaram com comentários em sala sobre o tema a ser abordado, e com a participação dos alunos, pode-se verificar o conhecimento prévio dos mesmos, e perceber que a maioria destacava a feijoada e comentavam sobre comidas mais nordestinas, como o acarajé e o vatapá. Foi distribuído para os alunos uma tabela, para que eles pesquisassem sobre: temperos, frutas, legumes, verduras e cereais que vieram para o Brasil do Continente Africano.

Com o auxílio do professor de ciências, pode-se entender melhor as diferenças entre o que seriam frutas, cereais, legumes e verduras, buscando novamente integrar as disciplinas. A pesquisa começou na escola (sala de informática) e continuou em casa.

Terminando a pesquisa os alunos deveriam responder um questionário que indagava sobre quais dos produtos pesquisados faziam parte da alimentação cotidiana dos alunos, com a questão final: "Analisando estas questões, você considera que a culinária africana contribui para a alimentação, e neste caso, para a cultura brasileira?". O resultado foi melhor do que se esperava, pois, para responderem as questões, foi feito um grande círculo, onde cada aluno pôde falar de suas respostas e de como ficaram surpresos de perceber que em suas casas muitos produtos utilizados na cozinha vieram da África, principalmente em relação aos temperos, especificamente as pimentas.

Terminada esta etapa, foi realizada uma nova pesquisa, agora em equipes, sobre comidas, ingredientes e modo de preparo. Para agilizar a atividade indiquei alguns, como: Acarajé, Munguzá, Quibebe, Vatapá, Angu, Pamonha, Aberém, Caruru, Abará, Abrazô e o Bobó. Cada equipe ficou com um "prato" e poderia escolher mais um. Com a pesquisa realizada, cada equipe realizaria um cartaz destacando: Ingredientes, Preparo e ilustrações sobre sua comida, para as mesmas serem apresentadas e expostas em sala. Alguns alunos, de sua iniciativa, pediram para trazer pequenas porções da comida pesquisada.

Então, para concluir o tema, houveram apresentações em sala sobre tudo que foi produzido, e na hora do recreio foi realizado uma exposição dos pratos que foram trazidos e dos cartazes elaborados. Para complementar, o lanche servido aos alunos neste dia foi: "Arroz doce", que por sua vez tem produção advinda de origem africana, pela mistura de salgado com doce e a utilização de coco.

Para finalização do projeto, foi desenvolvido em sala uma discussão sobre os pontos positivos e negativos, sendo que, todos os alunos citaram só pontos positivos e que gostariam de estudar mais temas desta maneira, principalmente interagindo com outras disciplinas e rompendo o modo tradicional das aulas.

Buscando uma conclusão da questão do projeto, foi proposto uma questão para que os alunos descrevessem sobre: "Se existe hoje no Brasil o conhecimento e a valorização da cultura africana.". Após a leitura das narrativas produzidas, conclui-se que os alunos puderam perceber como a cultura africana está presente no Brasil, mas, todos também descreveram que a luta contra o preconceito e o racismo, e a visão do africano como "escravo" deve ser combatida diariamente.

Segundo Silva (2005, p.21) : "é preciso conhecer para entender, respeitar para integrar, aceitando as contribuições culturais, oriundas de vários matizes culturais presentes na sociedade brasileira". Sendo assim, os objetivos do projeto foram atingidos, e agora é necessário estendê-lo à outras turmas, abordando outros focos da cultura, como a religião, por exemplo.

O projeto de intervenção e a produção didático-pedagógica foram disponibilizados no ambiente Moodle da Seed (Secretaria Estadual de Educação) para as discussões do grupo de trabalho em rede (GTR). Em conclusões gerais, sobre todo o curso desenvolvido neste grupo de trabalho, percebe-se que vários professores da rede (paranaense) trabalham o tema envolvido de várias formas e em todo ensino fundamental e médio, preocupando-se também em destacar a cultura africana para a própria formação da cultura brasileira.

Então, como ponto positivo, destaca-se a troca de experiências e principalmente as atividades realizadas e os materiais utilizados. Em muitos casos, as escolas têm somente um professor de História, então a troca de informações fica nula. Já com o curso, os professore de todo o Estado podem contribuir com suas ideias e projetos realizados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um projeto é desenvolvido e vai ser implementado no âmbito Escolar, diretamente com os alunos, existem muitos anseios e dúvidas com relação aos objetivos, e principalmente como atingi-los de maneira eficaz.

Então, logo após o início da implementação, algumas ideias vão surgindo e algumas vão sendo modificadas, pois, no fundo não se sabe como os alunos vão reagir à certos conceitos e conteúdos. Neste caso, a principal mudança estabelecida foi a série para a qual o projeto seria aplicado, conforme foi explicado acima.

Sendo assim, considera-se que os objetivos foram alcançados de maneira satisfatória, principalmente no que se diz respeito às contribuições africanas para a cultura brasileira, neste caso, com ênfase a Capoeira e a Culinária. Também pode-se destacar que este projeto ajudou muito nas discussões à respeito de preconceitos e discriminações com a cultura africana, com o povo africano e afrodescendentes no Brasil hoje.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Capoeira**: a gramática do corpo e a dança das palavras. Luso Brazilian Review, n. 42, v.1, 2005.

CASCUDO, L. da C. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

CUNHA JUNIOR, Henrique. A história africana e os elementos básicos para o seu ensino. Núcleo de Estudos Negros (NEN) Florianópolis - SC, 1997.

DIRETRIZES Curriculares. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_hist.pdf. Acesso em maio de 2016.

FAECPR. **Portal da Cultura Afro-Brasileira**. Disponível em: < https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_I.php> Acesso em junho de 2016.

FREYRE, G. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na Sala de Aula: visita à história Contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África.** Brasília: UFSCAR/MEC/UNESCO, 2010. (8 Volumes).

MELLO e SOUZA, Marina. **África e Brasil Africano**. São Paulo, Ática, 2008, p. 132.

PARANÁ. Sistema Estadual de Legislação. **Lei 18.492**, de 24 de junho de 2015. Aprovação do Plano Estadual de Educação e adoção de outras providências. Disponível em:

http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do? action=exibir&codAto=143075&codItemAto=869754> Acesso em julho de 2016.

PASSOS, Flávio. **10 anos da Lei 10.639 e como ficamos?** (2013) Disponível em: < http://www.geledes.org.br/10-anos-da-lei-10-639-03-e-como-ficamos/ > Acesso em junho de 2016.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. A. **O que é patrimônio cultural imateria**l. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRA, Lúcia Regina. A lei n. 10.639/3 e o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Disponível em:

http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/519509>. Acesso em junho de 2016.

PLANO Estadual de Educação. **Lei 18492**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br. Acesso em maio de 2016.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária. (2015) Disponível em:

http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria. Acesso em: 10/06/2016.

RATTS, Alex; DAMASCENO, Adriane A. **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola**: A Incisiva marca africana na cultura brasileira. Brasília: Via Brasília Editora, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba. Ed. UFPR, 2011.

SILVA, A. C. DA. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA,K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.